

MUSICOTERAPIA, AUTISMO E SON-RISE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO ATRAVÉS DE ENTREVISTA

MUSIC THERAPY, AUTISM AND SON-RISE: AN EXPLORATORY STUDY THROUGH INTERVIEWS

*Emily Hanna Pinheiro Ferreira¹, Alexandra Monticeli de Souza Ricardo²,
Marina Horta Freire³, Renato Tocantins Sampaio⁴*

Resumo: A Musicoterapia e o Programa Son-Rise são duas formas de intervenção que buscam o desenvolvimento e o alcance de uma melhor qualidade de vida para a pessoa com autismo. A utilização conjunta desses dois procedimentos poderia apresentar grandes resultados, mas estudos ainda são escassos na literatura. O presente estudo teórico de caráter exploratório investiga possíveis interfaces entre a Musicoterapia e o Son-Rise, buscando encontrar a relação afetiva dentro da perspectiva humanista. A música e seus elementos são importantes recursos para o estabelecimento de comunicação e interação com pessoas com autismo, e a abordagem Son-Rise pode auxiliar o musicoterapeuta a estabelecer iniciativas e relações no tratamento de pessoas com autismo.

Palavras-chave: transtorno do espectro do autismo, musicoterapia, programa Son-Rise.

Abstract: Music therapy and the Son-Rise Program are two forms of intervention that aims the development of a better life quality for people with autism. The use of these two procedures combined could present great results, but yet, there are only a few studies in this area. The present analytical study has an exploratory character and investigates the possible interfaces between Music therapy and Son-Rise, aiming to find the affective relation inside the humanist perspective. The music and its elements are important ways to establish the communication and interaction among people with autism, besides, the Son-Rise approach can help the musictherapist to establish initiatives and relations in the autism people's treatment.

Keywords: disorder autism spectrum, music therapy, Son-Rise Program.

¹ UFMG. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2978273213949596>. hemyhannahpf@gmail.com

² UFMG. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1034829799063768>. xanda.rn@bol.com.br

³ UFMG. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1301269894536856>. marinahf@gmail.com

⁴ UFMG. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8981208106060351>. renatots@musica.ufmg.br

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o número de casos diagnosticados de autismo vem crescendo cada vez mais. Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC, 2015), naquele país, a estimativa epidemiológica é de aproximadamente 01 criança com autismo para cada 68 crianças (prevalência aproximada de 1% da população total), ocorrendo em todas as raças, etnias e grupos socioeconômicos. No Brasil, o principal estudo epidemiológico foi realizado por PAULA *et al.* (2011) com uma prevalência estimada de 0,3%. No entanto, o número extremamente reduzido de estudos sistematizados sobre epidemiologia do autismo no Brasil não permite a generalização dos resultados, sendo usualmente utilizado o percentual encontrado nos estudos norte americanos, tanto para o planejamento como para a implementação de políticas públicas (BRASIL, 2013). A eficácia da intervenção musicoterapêutica já foi bem estabelecida, principalmente em relação a melhoras na comunicação e na interação social (ELEFANT, 2001; GOLD *et al.*, 2006; KERN e ALDRIDGE, 2006; WIGRAM e GOLD, 2006; KERN *et al.*, 2007; GATTINO *et al.*, 2011; WHIPPLE, 2012; FREIRE, 2014). Segundo BENENZON (1988), “A Musicoterapia é uma técnica que explora a relação entre emoções e música, dentro de um processo terapêutico”, o que serve de apoio para o autista se expressar de uma maneira não-verbal, já que o transtorno carrega características de distúrbios na linguagem verbal.

O programa Son-Rise foi criado para tratamento de pessoas com autismo, com uma abordagem relacional, onde a pessoa é o centro e a relação interpessoal é valorizada (TOLEZANI, 2010). O programa não é um conjunto de técnicas e estratégias a serem utilizadas com uma criança, mas um estilo de se interagir, uma maneira de se relacionar que inspira a participação espontânea em relacionamentos sociais. A ideia é que os pais e terapeutas aprendam a interagir de forma prazerosa, divertida e entusiasmada com o autista, a partir de seus interesses, encorajando-o então, assim como na Musicoterapia, a altos níveis de desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

1. METODOLOGIA

Para desenvolver este estudo exploratório unindo Musicoterapia e Son-Rise, buscamos entrevistar terapeutas que já trabalhassem com essa prática clínica e pais/cuidadores de pacientes que estivessem recebendo tal intervenção em Belo Horizonte/MG. Nessa busca, encontramos uma musicoterapeuta que atua na Musicoterapia junto com o Son-Rise. Ela aceitou participar da pesquisa e nos indicou quatro pais de pacientes seus para que fossem entrevistados também. Partindo das indicações que recebemos, buscamos contatar os pais e todos eles aceitaram participar das entrevistas. Essas entrevistas foram feitas seguindo a mesma estrutura para todos os participantes, exceto para a musicoterapeuta, para a qual formulamos uma entrevista de estrutura diferente. A equipe de pesquisa planejou uma entrevista estruturada e semiaberta, que continha oito perguntas, sendo duas perguntas fechadas e seis abertas para os pais e oito perguntas abertas para a musicoterapeuta.

As perguntas buscavam saber o que os pais notaram de diferenças em seus filhos depois que passaram pela intervenção da Musicoterapia com o Son-Rise, questionando desde a quantidade de tempo pelo qual a criança passou pelo atendimento até qual tipo de habilidade foi mais adquirida pelo paciente. Para a musicoterapeuta, as perguntas buscavam esclarecer mais sobre o Programa Son-Rise e a sua forma de trabalhar unindo as duas abordagens. Desse modo, as perguntas buscaram aprofundar no tema, encontrar respostas para o problema de pesquisa e estabelecer padrões de respostas que pudessem ser analisadas posteriormente, visando encontrar respostas que levantem hipóteses sobre os benefícios deste tipo de atuação. As entrevistas aconteceram mediante aprovação dos participantes do projeto, que assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

A coleta dos dados das entrevistas foi feita através de gravação de áudio, para análises posteriores. As análises foram realizadas na forma de Análise de Conteúdo de modelo aberto e buscaram abranger os âmbitos qualitativo e quantitativo, uma vez que as entrevistas possuíam perguntas abertas e fechadas. Segundo MORAES (1999), a análise de conteúdo se constitui como um tipo de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos de todo tipo.

Em acordo com o método de Análise de Conteúdo de modelo aberto (LAVILLE e DIONNE, 1999), a análise das entrevistas dos pais foi feita da seguinte forma: primeiro coletamos as respostas e elas passaram por uma comparação, onde foram selecionadas palavras-chaves ou descrições de características que foram usadas com maior frequência pelos entrevistados. Depois, categorizamos essas palavras-chaves e analisamos qual tipo de avaliação tais respostas indicaram – qualitativas ou quantitativas – e assim analisamos fatores relevantes, as vantagens e desvantagens apontadas na aplicação da Musicoterapia com o Son-Rise, assim como também respostas em comum ou discrepantes dadas pelos participantes.

É importante salientar que na pesquisa qualitativa, segundo MORAES (1999), pode se haver a abertura de um espaço para mais de uma interpretação, dependendo da perspectiva do leitor. Ele reforça que em se tratando de uma pesquisa qualitativa, pode haver a abertura de um espaço para mais de uma interpretação, dependendo da perspectiva do leitor.

A entrevista da musicoterapeuta foi analisada separadamente, inclusive por conter perguntas diferentes das dos pais. Ela foi formulada de uma forma que suas respostas viessem a ser uma fonte para esclarecimento, corroboração ou até mesmo refutação para as respostas que viessem dos pais. Foi uma entrevista apenas com questões abertas e que permitiu maior liberdade de resposta e explicações para a musicoterapeuta, assim como maior liberdade de análise qualitativa.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 Entrevistas com os pais

Todos os pais entrevistados eram moradores de Belo Horizonte – MG e seus filhos tinham diagnóstico de TEA já confirmado. Alguns deles já haviam, inclusive, recebido alta da intervenção da qual estamos tratando, mas mesmo assim continuaram disponíveis para falar do assunto. Todos os pacientes eram crianças que tinham idade entre cinco e dez anos. Feitas as entrevistas, inicia-

mos o processo da Análise de Conteúdo de modelo aberto. As palavras-chaves detectadas em cada resposta foram divididas em cinco categorias nas quais puderam se encaixar todas as respostas, que são: características da criança, melhoras da criança, a intervenção (Musicoterapia e Son-Rise), a musicoterapeuta e outras terapias.

2.2 Entrevista com a musicoterapeuta

Para a entrevista com a musicoterapeuta, buscamos alguém que pudesse atender os quesitos de ser graduada em Musicoterapia, bem como que já tivesse passado pela formação oferecida pelo Programa Son-Rise. Encontramos então a profissional Meiry Geraldo, que possui ambas as formações e atende a pacientes utilizando uma forma de intervenção onde ambos se fundem em busca de oferecer uma forma de terapia que seja útil e agradável aos pacientes. Meiry formou-se em Musicoterapia pela Faculdade Marcelo Tupinambá – SP, em 1991. Em 2010 ela começou a pesquisar sobre formas de tratamento para pessoas com TEA, uma vez que seu filho foi diagnosticado com o espectro, e foi aí que ela conheceu o Programa Son-Rise. Ela participou de dois cursos sobre o Programa, e a partir daí foi só unir as duas formas de atuação. Outra maneira que se pode perceber como o Son-Rise e a Musicoterapia podem se unir de forma a oferecer uma boa intervenção aos pacientes também pode ser notada nas respostas dadas pela entrevistada, onde ela relata que o Programa Son-Rise possui um modelo geral de desenvolvimento que busca trabalhar: contato visual, comunicação, período de atenção compartilhada e flexibilidade. Todos estes são também objetivos muito trabalhados e alcançados por musicoterapeutas, por meio de atividades que foquem em improvisação, imitação, criação e composição, discriminação auditiva, habilidades motoras, habilidades cognitivas e interação social. A entrevista com a musicoterapeuta veio corroborar a maioria dos pontos levantados pelas entrevistas dos pais, principalmente ligando as melhoras observadas em casa pela família com os objetivos que a intervenção busca desenvolver na criança. Meiry (2016) relatou que se mune de materiais de apoio, todos relacionados com música ou sons. Esses materiais ajudam a desenvolver as sequências, emparelhamento, nomeação, desenho, comunicação, etc. O com-

portamento da musicoterapeuta foi um ponto em que os pais destacaram como sendo algo relevante para o tratamento, e que durante seu relato pode ser mais compreendido. Ela ressaltou que tal comportamento é característico do Son-Rise, que parte do princípio da interação inspiradora, de uma forma criativa, amorosa e positiva, que aproxima a pessoa com autismo do mundo.

CONCLUSÃO

Com os resultados deste trabalho observamos que todas as crianças atendidas já gostavam de música antes mesmo de começarem a receber o tratamento com a Musicoterapia, e assim as sessões passaram a ser algo prazeroso e divertido, o que torna a terapia mais lúdica e alcança com facilidade muitos dos objetivos propostos. Com isso, pode-se perceber melhoras em muitos aspectos dos pacientes, mas com grande ênfase na fala e interação social. A musicoterapeuta tem uma característica única que se destaca por ser muito alegre e simpática, munindo-se das bases essenciais do Son-Rise. A Musicoterapia é uma terapia lúdica que possui técnicas específicas, mas que não exclui o prazer e a diversão. Pode ser indicada por qualquer profissional da saúde, mas muitas vezes é indicada por terapeutas ocupacionais e psicólogos. A Musicoterapia se mostra uma terapia importante por alcançar os objetivos propostos partindo dos interesses da criança. Porém, vale ressaltar que muitos pais abandonaram o tratamento por questões financeiras, uma vez que não encontramos com frequência tais profissionais na rede pública de saúde ou em convênios.

Concluimos também que este tipo de intervenção, onde a Musicoterapia é aplicada juntamente com o Son-Rise, não gera nenhuma forma de exclusividade em se tratando dos resultados das melhoras observadas nos pacientes que passam por ela. Todos os pontos onde os pais relatam evoluções podem ser alcançados apenas com a Musicoterapia e/ou apenas com o Son-Rise. Mas o que torna interessante e valioso que ambos sejam aplicados juntos é o alto nível de prazer e de diversão que a sessão gera, levando o paciente a atingir pontos de desenvolvimento e de disposição que poderiam demorar mais ou serem menos impactantes se tivessem sido alcançadas por outros caminhos. A Musicoterapia

sendo aplicada de uma forma não-diretiva, onde as atividades não são impostas ao paciente, onde ele pode optar e ser ouvido, e onde se parte das suas habilidades já adquiridas para se alcançar novos ganhos, somados ao positivismo, às celebrações, às ações motivadoras e muitas outras técnicas do Son-Rise criam um ambiente divertido e educativo, levando a criança a atingir o seu melhor momento, na busca da sua melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENENZON, Rolando. *Teoria da Musicoterapia*. Grupo Editorial Summus. 1988. 184 p. Disponível em: < <https://goo.gl/DA7LLz>>.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo*. Brasília: Ministério da Saúde / Secretaria de Atenção à Saúde. 2013. Disponível em < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf >.

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). *Autism Spectrum Disorder (ASD) - Data and Statistics*. Updated February 26, 2015. Disponível em < <http://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html> >.

ELEFANT C. Speechless yet communicative: revealing the person behind the disability of Rett Syndrome through clinical research on songs in music therapy. In: ALDRIDGE D, Di FRANCO G, RUUD E, WIGRAM T [ed]. *Music Therapy in Europe*. Rome: ISMEZ; 2001.

FREIRE M. *Efeitos da Musicoterapia Improvisacional no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Neurociências. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte; 2014.

GATTINO G, RIESGO R, LONGO D, LEITE J, FACCINI L. Effects of relational music therapy on communication of children with autism: a randomized controlled study. *Nordic Journal of Music Therapy* 2011; 20(2): 142-154.

GERALDO, Meiry. Entrevista concedida a Alexandra Monticeli e Emily Hanna. Belo Horizonte, 2016.

GOLD C, WIGRAM T, ELEFANT C. Music therapy for autistic spectrum disorder. *CochraneDatabaseSystRev* 2006; 2(CD004381). Disponível em < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16625601> >.

KERN P, ALDRIDGE D. Using embedded music therapy interventions to support outdoor play of young children with autism in an inclusive community-based child care program. *Journal of Music Therapy* 2006; XLIII(4): 270-294.

KERN P, WOLERY M, ALDRIDGE D. Use of songs to promote independence in morning greeting routines for young children with autism. *JAutismDevDisor* 2007; 37: 1264-1271. Disponível em < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17120150>>.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A Construção do Saber – Manual da Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG 1999. 342 p.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PAULA C, RIBEIRO S, FOMBONNE E, MERCADANTE M. Brief Report: Prevalence of Pervasive Developmental Disorder in Brazil: A Pilot Study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. 2011; 41(12):1738-1742.

TOLEZANI, Mariana. Son-Rise: uma abordagem inovadora. *Revista Autismo*, Número 0 - Ano 1 - Setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.vibehost.com.br/Aampara/wp-content/uploads/2014/05/Son-rise.pdf>>.

WHIPPLE J. Music Therapy as an effective treatment for young children with autism spectrum disorders: a meta-analysis. In: KERN P, HUMPAL M [ed]. *Early childhood music therapy and autism spectrum disorders*. London: Jessica Kingsley; 2012.

WIGRAM T, GOLD C. Music Therapy in the assessment and treatment of autistic spectrum disorder: clinical application and research evidence. *Child: care, health and development*. 2006; 32(5): 535-542. Disponível em < <https://goo.gl/hJi3PI> >.